



## A Ásia circunscrita por África: a narrativa de um viajante brasileiro na segunda metade do século XIX

JACQUES FERREIRA PINTO\*

### INTRODUÇÃO

Qualquer pessoa que folheasse as páginas da edição do jornal *Gazeta de Notícias* de 28 de Janeiro de 1879, uma terça-feira, na cidade do Rio de Janeiro encontraria uma infinidade de anúncios comerciais dos mais diversos tipos. Dentre as propagandas se destacam os variados produtos, mercadorias e serviços para venda, troca ou outro tipo de transação comercial.

Os anúncios dessas páginas, que povoavam inúmeros outros periódicos da época, expunham remédios para doenças; casas ou fazendas para locação; serviços de costureiras; adereços para o Carnaval de 1879; entre outros diversos reclames. Porém, duas propagandas chamam atenção.

A primeira propaganda se remete à venda do livro de viagem *Da França ao Japão: narração de viagem e descrição histórica, usos e costumes dos habitantes da China, do Japão* e de outros países da Ásia de autoria de Francisco Antonio de Almeida. No anúncio, lê-se: “Da França ao Japão vende-se no escriptorio da Gazeta de Notícias.”

A segunda propaganda se refere à manifestação sobre a fuga de um escravo chamado Ambrosio da seguinte maneira: "FUGIU no dia 10 do corrente, da padaria do largo de Santa Rita, o escravo Ambrosio, natural do Rio Grande do Sul, com os signaes: alto, gordo, andar vagaroso, falla bem, usa barba e cabelleira; consta que anda pelos lados do Engenho Novo, intitulado-se forro com documento de uma praça; quem o apreender e levar á casa indicada será generosamente gratificado."

A presença de anúncios de venda, aluguel ou fuga de escravizados era muito comum em meio a outras mercadorias nas páginas de propaganda dos periódicos do país durante o

---

\* Mestrando em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ. Bolsista CNPq.



2

século XIX. Mas o que esses dois anúncios, um de um livro de viagem e o outro de um escravizado fugitivo, têm a ver? Por que eles ocupam a mesma página na *Gazeta de Notícias*? São perguntas que surgem inevitavelmente.

Não temos a intenção de responder essas perguntas nesta comunicação, visto que a investigação exposta aqui concerne apenas à narrativa de viagem *Da França ao Japão*. Todavia, a presença mútua desses dois anúncios de “mercadorias” tão distintas, praticamente lado a lado, sinaliza para uma reflexão a respeito de que tipo de sociedade “consume” tais “produtos”. De início, afirmamos de que lidamos com uma sociedade interessada no “Outro” diferente de seus membros. A relação dessa sociedade com o “Outro” se daria ou por meio da leitura a respeito de países e povos diversos que a literatura de viagem oitocentista propiciaria ou por meio da aquisição e manutenção de um *status* escravocrata em que o “diferente” se tornaria mercadoria, posse. Não irei na presente comunicação investigar a recepção do relato de viagem *Da França ao Japão*, porém sinalizamos para um elemento fundamental na leitura do objeto referido: a que público o relato se direcionava.

## **CONTEXTO: VIAJANTE, VIAGEM E NARRATIVA**

Francisco Antonio de Almeida, o viajante, foi astrônomo e engenheiro, doutor em ciências físicas e matemáticas que viveu no Brasil em meados do século XIX, regeu interinamente a cadeira do Curso de Minas da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, estudou Astronomia na França e participou da Comissão Francesa chefiada pelo astrônomo francês Jules Janssen que observou a passagem de Vênus no Japão em 1874. Após completar seus estudos na França, Almeida retornou ao Brasil em 1876 condecorado como cavaleiro da Ordem da Rosa e, posteriormente, receberia uma medalha comemorativa do governo francês pela sua participação na comissão destinada ao Japão (Cf. DE NADER, 2015: 88).

Almeida também exerceu o cargo de diretor do Diário Oficial e dele foi exonerado, quando o general Deodoro da Fonseca deixou a presidência da República; depois, o cientista brasileiro teria sido acusado de entrar numa conspiração ocorrida em 10 de abril de 1892<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> A referida conspiração de 10 de Abril de 1892 se encontra inserida nas manifestações contrárias a Floriano Peixoto que assumiu o cargo de presidente da república após a renúncia de Deodoro da Fonseca em 1891.



3

contra o poder executivo, sendo após esses fatos preso e recolhido à fortaleza de S. João. Cientista brasileiro, homem letrado, presente em meios científicos nacionais e europeus, financiado pelo Ministério dos Negócios da Guerra do Império em sua estadia fora do país – eis algumas facetas do narrador do relato de viagem *Da França ao Japão*.

A viagem realizada por Almeida teve como ponto de partida a cidade de Marselha, na França, e destino Nagasaki, no Japão, sendo promovida por conta da ocorrência do trânsito de Vênus em 1874, fenômeno astronômico que movimentou inúmeros governos e instituições científicas para sua observação. O trajeto da viagem iniciada em Marselha teve paradas em Toulon na França; Nápoles na Itália; Porto-Said, Suez e Cairo no Egito; Áden (no atual Iêmen); Ilha do Ceilão (atual Sri Lanka); Singapura na região do estreito de Malaca; Macau, Hong Kong e Shanghai na China; e por último, as cidades de Yokohama, Kobe, Nagasaki e Edo (atual Tóquio) no Japão.

Quanto ao financiamento da viagem, primeiramente, podemos indicar o Ministério dos Negócios da Guerra do Império do Brasil que ordenou Almeida a procurar se integrar a missão científica francesa oferecendo apoio financeiro para além dos recebimentos já realizados devido sua estadia na França desde 1872. Em contrapartida ao apoio, foi requisitado pelo astrônomo brasileiro algum tipo de relatório ou uma memória sobre o fenômeno astronômico a ser observado.

As instituições francesas envolvidas no apoio, mais especificamente na autorização, para que Almeida pudesse integrar a missão científica como "addido" foram o Ministério de Instrução Pública, da Cultura e das Belas Artes do governo francês e a Academia de Ciências do Instituto da França. Almeida também respondia ao Imperial Observatório do Brasil cujo vínculo estava colocado desde sua chegada às instituições francesas. Camilo Ferreira Armond, o Conde de Prados, então diretor interino do Imperial Observatório Nacional, esteve envolvido com o envio de Almeida à França para estudos.

A partir dessa experiência pessoal e científica, Almeida publicou duas obras: a já mencionada narrativa de viagem *Da França ao Japão* (1879) e o livro científico *Parallaxe do Sol e as passagens de Venus* (1878). Enquanto este é de teor mais científico, *Da França ao Japão* está mais conectado ao ramo dos livros de viagem da época. O relato de viagem do astrônomo brasileiro é o principal objeto analisado por ser permeado de descrições



4

etnográficas, análises históricas e narração de viagem sobre o contato com diferentes sociedades nos continentes europeu, africano e asiático na segunda metade do século XIX. Outro importante dado diz respeito ao fato da fonte estudada ser o primeiro contato direto de um brasileiro com o Japão de que a historiografia tem registro.

O relato de viagem se encontra em formato de livro impresso sendo composto por duzentas e trinta e seis páginas numeradas divididas entre dezoito capítulos junto à folha de rosto e ao retrato do autor. No relato também existem materiais iconográficos que não compõem a numeração das páginas, mas estão presentes no livro sendo dezesseis litografias, um manifesto ilustrado em chinês (espécie de pequeno cartaz) e um mapa do Japão de 1874 em português.

As litografias que permeiam os capítulos são doze em preto e branco e quatro coloridas retratando nativos das regiões visitadas em seus hábitos diários ou em outros tipos de representação. Cada litografia possui na parte de cima o local de referência da representação e abaixo uma breve descrição do desenho sendo que essas ilustrações não são citadas durante o texto narrativo. O manifesto publicado aparentemente pelos *chins* (chineses) contra os estrangeiros trata-se de uma espécie de pequeno cartaz com uma sequência de imagens que incluem representações de ocidentais sendo torturados por chineses e textos em chinês traduzidos e referenciados durante a narrativa escrita. A “Carta do Império do Japão” ilustra os limites territoriais do Japão em 1874 indicando os nomes das cidades e ilhas, constando no final do relato, após o índice remissivo, porém não compoendo o texto narrativo.

## **HIPÓTESE: O LUGAR DA ÁFRICA E DOS AFRICANOS NA NARRATIVA**

O que mais me interessa neste artigo é levantar uma hipótese preliminar sobre a construção da narrativa em *Da França ao Japão* no que diz respeito ao lugar da África e dos africanos no relato produzido pelo viajante brasileiro. Num quadro mais amplo, me interessa caminhar no sentido de pensar o lugar de África e dos africanos enquanto referenciais de escrita na produção de relatos de viagem na segunda metade do século XIX.

O continente africano no período mencionado estava em contato com a Europa por meio de relações imperialistas e, ao menos, desde meados do século XVIII, a presença de



viajantes europeus a fim de adentrar nos interiores era expressiva. A literatura de viagem europeia produzida sobre África esteve intimamente conectada à expansão imperialista sobre o continente por meio de mobilização de recursos materiais e pessoais, e principalmente, no que diz respeito a produção de narrativas sobre os africanos e seus espaços. Segundo Edward Said, o poder da narrativa sobre o “outro” foi fundamental no estabelecimento de relações assimétricas entre Ocidente e o resto do mundo durante o Imperialismo, principalmente no que concerne às investidas europeias sobre África e Ásia (Cf. SAID, 2007).

O viajante brasileiro Francisco Antonio de Almeida passou a fazer parte dessa dinâmica na segunda metade do século XIX por meio de sua atuação na já referida missão astronômica francesa com destino ao Japão. Em seu relato de viagem, Almeida disserta sobre diversos povos da Europa, e, principalmente, da África e da Ásia por meio da exposição de detalhes sobre seus costumes, hábitos, situações políticas e dados históricos sobre os locais visitados.

A hipótese levantada aqui é que África e africanos são mobilizados enquanto paradigma de escrita do relato de viagem “Da França ao Japão”, ou seja, Almeida ao descrever os povos com os quais manteve contato tinha também, para além da cultura europeia ocidental, o continente africano enquanto referencial civilizatório no sentido inverso à Europa na produção de seus relatos. Ao traçar uma linha evolutiva das sociedades, entendendo que a Europa, com seu centro na França oitocentista, seria o ápice da civilização e a África o ponto inicial, mais primitivo dentro do que o próprio viajante chama de “grau de desenvolvimento dos povos”. Assim os outros povos e locais, principalmente da Ásia, seriam passíveis de serem elencados entre esses dois extremos: África e Europa por meio de aproximações e distanciamentos dentro de uma hierarquização de povos e sociedades. A hipótese aqui levantada é ainda embrionária, porém, neste trabalho enquanto passo inicial no objetivo exposto, abordarei alguns indícios na narrativa de Almeida que corroboram para a ideia apresentada.

A seleção dos trechos da narrativa está ancorada nas ideias que giram em torno do conceito de “geografia imaginativa”, de Edward Said, no que concerne à construção de discursos geográficos e sociais a respeito do Oriente pela cultura ocidental europeia. Nos estudos do intelectual palestino que culminaram na obra a respeito do Orientalismo, o



6

conceito de “geografia imaginativa” diz respeito à construção de uma linha imaginária entre Ocidente e Oriente no planeta que explicaria as diferenças entre as sociedades dessas duas regiões em termos de oposição, alteridade e assimetria.

Almeida, em sua viagem, traça uma linha divisória entre os continentes africano e asiático que se materializa no próprio canal de Suez, via navegável artificial construída há apenas cinco anos antes de sua viagem ao Japão. Diz ele: “No dia seguinte ao da nossa chegada á *Port-Said*, o comandante do *Ava* recebeu aviso de que podia seguir visto o canal [de Suez] achar-se livre; e, sob a direcção dos praticos da companhia, o paquete deitando cinco milhas por hora, começou a percorrer a linha divisoria da Africa e da Asia.” (ALMEIDA, 1879: 35)

Para Almeida, a linha que divide África e Ásia é o canal de Suez, uma construção francesa com participação egípcia que tornou mais rápidas e menos custosas as viagens comerciais entre Europa e Ásia. O canal de Suez para o viajante brasileiro é uma das mais importantes obras do século XIX, visto que representa a engenhosidade humana e um exemplo de empreendimento construído dentro do espírito capitalista de livre comércio e navegação.

Esse é um dos primeiros momentos da narrativa em que Almeida estabelece uma separação entre os dois continentes; porém, também é possível evidenciar a intensa interação entre povos das mais diversas origens nessa área afro-asiática por meio de outras passagens do relato. Por exemplo, quando a missão francesa passou por Áden, possessão britânica à época, Almeida disserta a respeito de uma festa de nativos que pôde observar dando destaque a uma figura feminina africana. Diz ele:

*Entre outras dançarinas sobresahia uma, pelo bem desenhado contorno de seus membros e ostensivo vestuario. Esta robusta africana trajava curto saíote sobre largas calças, e na parte superior do seu corpo apparecia o peito de fina camiza, negligentemente aberto, e deixando ver custoso colar que em multiplices voltas rodeavão seos seios e pescoço.*

*Eis como os naturaes de Aden danção por occasião de suas festas o fado africano. (...)*

*E se a dança que acabamos de descrever, não se parece em todos os pontos com o fado da nossa terra; é certo que este nada mais é do que a dança africana de Aden, mais degenerada, ainda que melhor acompanhada pelas sapateadas e o tinnido das esporas dos nossos jovens lavradores.* (ALMEIDA, 1879: 55)



A Áden descrita é um exemplo de como os africanos aparecem na narrativa de Almeida enquanto importantes e presentes partícipes das dinâmicas entre África e Ásia. Na verdade, toda região no entorno do canal de Suez e Mar Vermelho, no relato do viajante, aparecem como locais de presença massiva de africanos e mestiços de toda ordem. Ou, como prefere Almeida, locais, onde se verificariam sociedades degeneradas devido ao “cruzamento entre raças”. A mestiçagem para o viajante brasileiro é um fator de sociedades pouco dispostas ao trabalho, potencialmente sujeitas ao vício e jogos de azar, para além do mal cuidado com o corpo no que diz respeito à higiene.

Atrelado a esse aspecto social, características geográficas são expostas no sentido de diferenciar o continente africano das outras regiões do planeta. Ao sair do Golfo de Áden em direção à ilha do Ceilão, Almeida observou a vegetação característica da ilha formada por coqueiros e palmeiras que circundavam edificações de arquitetura europeia. Nesse momento, o autor afirma que em conjunto este novo cenário formava um contraste bem acentuado com o “aspecto triste e desolador” das regiões africanas que acabara de visitar.

O viajante brasileiro, mesmo tendo só visitado as regiões africanas próximas ao mar Vermelho, se alinha a outros narradores de viagem contemporâneos de seu tempo no que diz respeito a expressão de ideias depreciativas aos africanos e seu continente. Nesse momento, a África e os africanos eram intensamente vistos e narrados por meio das lentes científicas europeias que tinham seu cerne nas ideias e teorias racialistas em desenvolvimento à época.

Encaminhando-me para o fim deste trabalho, exponho um último trecho do relato a respeito da passagem por Cingapura, onde Almeida encontrou um suposto cônsul brasileiro na região. Ao dissertar sobre a conversa que teve com esse homem, Almeida faz uma referência ao tráfico de africanos escravizados para o Brasil. Diz ele:

*Fômos recebidos com natural agrado pelo Sr. consul, e durante a conversação que tivemos com o representante dos nossos interesses na cidade mais importante do commercio asiatico [Cingapura], nenhum outro incidente se deu que nos fizesse sahir da indiferença pela sua pessoa, a não ser o protesto que lhe fizemos contra a immoralidade do seu projecto de emigração chinesa, que consistia mais ou menos em por força, astucia e falsas promessas, embarcar-se os chins em navios que empregassem-se neste novo trafico de importação de carne humana. (ALMEIDA, 1879: 72)*



8

Almeida, em seu relato, é um crítico enfático à imigração chinesa para o Brasil, chegando a comparar esse movimento ao tráfico de africanos escravizados para o país que acabara há pouco mais de duas décadas quando da data da publicação de seu relato. Simultaneamente, debates a respeito de possíveis movimentos imigratórios de chineses para substituição de mão-de-obra africana já eram travados no âmbito da política brasileira oitocentista.

O viajante brasileiro saiu do Rio de Janeiro, uma das maiores cidades afro-atlânticas do planeta à época, para estudar na França, e posteriormente viajar até o Japão. Sendo assim, inevitavelmente entre seus referenciais está a instituição da escravidão vivenciada em seu próprio lugar de origem. A África e os africanos surgem enquanto referenciais dentro de um jogo de representações que possibilita uma leitura e tradução de realidades para os leitores brasileiros interessados em seus relatos.

Nesse sentido, alinho-me à premissa de Anderson Ribeiro Oliva quando afirma que:

*(...) as relações estabelecidas na construção do Outro e do Eu ocorrem submersas pelas perspectivas e conceitos que cada sociedade carrega, de seus próprios universos e dos universos circundantes, [isso] nos induz a defender; mais uma vez, a ideia de que qualquer tentativa de entender uma sociedade não passa de um exercício de “reinvenção” de uma dada realidade. Ao mesmo tempo, os encontros e desencontros com o Outro se tornam instrumentos-chave na definição do Eu, e das faces que desenham a identidade do conjunto humano. (OLIVA, 2010: 39)*

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por fim, entendo que a hipótese embrionária levantada aqui sinaliza para uma reflexão a respeito do jogo de referenciais para a escrita de relatos de viagem. Ao considerar a África e os africanos enquanto uma estrutura que circunscreve aquilo narrado sobre Ásia e povos asiáticos, a hipótese apresentada pode ir além no sentido de compreender que entre as outras estruturas narrativas estão os referenciais ancorados no Brasil e na cultura ocidental europeia. Num jogo de aproximações e distanciamentos em relação à África, Brasil e Europa, Almeida atua como construtor de realidades para seus leitores, posto que estabelece uma sobreposição de camadas que circunscrevem tudo aquilo que é narrado em seu relato de viagem.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**



## Fontes

ALMEIDA, Francisco Antonio de. *Da França ao Japão: narração de viagem e descrição histórica, usos e costumes dos habitantes da China, do Japão e de outros países da Ásia*. Rio de Janeiro: Typographia do Apostolo: Imperial Lithographia de A. Speltz, 1879. (Real Gabinete Português de Leitura e Biblioteca Nacional)

\_\_\_\_\_. *Parallaxe do Sol e as passagens de Venus*. Rio de Janeiro: Typographia do Apostolo: Imperial Lithographia de A. Speltz, 1878. (Biblioteca Nacional)

Gazeta de Notícias, edição de 28/01/1879, p. 4

## Bibliografia

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento, *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970.

DE NADER, R. V. *Eclipses e trânsitos planetários no século XIX: A modernização da Astronomia Observacional no Brasil de 1850 ao final do Segundo Império*. Tese (Doutorado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia)–Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologias, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. *Dicionário enciclopédico de astronomia e astronáutica*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

\_\_\_\_\_. The Brazilian contribution to the observation of the transit of Venus. In: KURTZ, D. W. (ed.). *Transit of Venus: new views of the solar system and galaxy*, Reino Unido: Cambridge University Press, p.154-160, 2004.

OLIVA, Anderson Ribeiro. *Reflexões de África: ideias e representações sobre os africanos no imaginário ocidental, estudos no Brasil e Portugal*. Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2010.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC, 1999.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.